

Quando se diz mais no mais não dizer.Guilherme Castro **ORTEGA**¹

No dia 15 de Julho de 1955, no final do primeiro relato de *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus nos coloca frente ao que viria por aí:

“Ablui as crianças, aleitei-as e aleitei-me. Esperei até 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!”(JESUS, p.09)

Afora o momento do despertar sendo tocada pelo Sol, são períodos² mínimos os utilizados pela autora. Estes períodos mínimos – como “Ablui as crianças, aleitei-as e aleitei-me.” ou “Ele não veio”, seguido por “Tomei um melhoral e deitei-me novamente” – demarcam o cotidiano de Carolina. Um cotidiano em que “os dias se repetem iguais e monótonos no ritual de fome-trabalho-sobrevivência”. Em que é construído, durante a narrativa, “uma espécie de dia-metáfora de todos os dias” (VOGT, p. 210). Todos os dias, por exemplo, a autora alimenta e lava as crianças. Bem como ainda muito cedo vai buscar água na única torneira existente na favela do Canindé. Ao passo que estes períodos curtos identificam também a escassez material e a imediatividade da vida de Carolina e de todos os outros moradores da favela.

Há, entretanto, uma quebra aparente dessa imediatividade e escassez. É o momento de “Quando despertei o astro rei deslisava no espaço”. Aqui identificamos uma frase mais extensa e rica em palavras de dimensão poética. Se em “Tomei um melhoral e deitei-me novamente”, “deitei-me” aparece como um ato corriqueiro e prosaico, na frase acima a palavra “despertei”, expressando mais um gesto corriqueiro como o de acordar para o outro dia, é usada de um modo a criar um ambiente poético. Seguido, não somente, por “astro rei deslisava no espaço”, o ambiente poético é

¹ Graduando em Ciências Sociais na FFC/UNESP, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema e pesquisador da música caipira e sua transição para a música sertaneja.

² O termo período é aqui usado em seu sentido gramatical.

fertilizado de modo mais intenso, ganhando fluidez sonora. Uma vez que todas estas palavras, em seu conjunto, nos proporcionam uma sensação real da *poesis* a que elas se dedicam.

O mergulho poético que a frase “Quando despertei o astro rei deslisava no espaço” nos submete, embora a primeira vista pareça não nos dizer nada acerca da realidade social de Carolina, é um ponto em que o “teor social³” da obra se mostra intocado. Pois o próprio distanciamento da realidade se volta ainda mais fortemente a ela. Na medida em que o momento poético do texto só se encontra quando voltado para algo supramundano, como o Sol (“astro rei”) que “deslisava no espaço”, ocorre o desvendar de que a esfera do mundano endureceu. Neste sentido, ao mundo enrijecido e dominado pela prática social do capitalismo – não apenas na esfera puramente econômica, mas também determinando a ação diária dos indivíduos –, não há possibilidade e nem tempo para um florescer da poesia. O escrito poético para os acontecimentos cotidianos na vida de Carolina, portanto, já não se faz possível sem o uso de elementos que o retirem da dimensão material da vida diária. Daí somente o Sol fazer com que a linguagem poética se realize efetivamente.

É interessante que a frase poética acima referida se mostra como um pulsar. De forma que logo após o fim dela Carolina nos expõe que é requisitada pela filha Vera Eunice em sua exclamação: “–Vai buscar água mamãe!”. Carolina Maria de Jesus retornaria, assim, ao seu cotidiano insistentemente repetido. Transmutando o “astro rei” em apenas o sol que ilumina, ao fundo, mais um dia de trabalho por sobrevivência na grande cidade.

A aparente saída da dimensão mundana, por meio da poesia, que, no entanto denuncia de forma pungente a realidade material na qual a autora está envolvida, retorna em outros momentos da narrativa do livro. Como por exemplo, quando, como quem declama, diz:

“... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas

³ Termo utilizado por Theodor Adorno em seu texto “Palestra Sobre Lírica e Sociedade”.

belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe.” (JESUS, p. 39)

O céu e todas as outras coisas que, de um modo geral, em torno dele se congregam (nuvens, brisas, astro rei, aves, estrelas, etc.) podem se tornar a única beleza, “digno de contemplar”, porque na dimensão material da vida a contemplação se encontra esfacelada. No decorrer da existência – no ritmo do trabalho e do tráfego – o debruçar-se para a percepção da beleza que poderia se realizar no mundo sendo objeto da poesia, se torna cada vez mais escasso. Pois a beleza que deveria haver na realidade material está em relação direta com o homem – seu personagem principal –, que já se encontra bastante subtraído de suas forças criadoras. Carolina, neste sentido, recorre novamente como fonte inspiradora para o impulso poético, à natureza em sua forma “natural”, ainda que transformada pela práxis humana.

A denúncia acerca da realidade social feita pela a autora que, se por um lado, foi tenaz sem necessariamente focar-se para o social, caminhando para aquela dimensão supramundana citada; por outro lado, é enfraquecida quando ao final daquele momento poético ela se refere à única coisa, que em sua visão, “entristece” e “ofusca todas as belezas que existe”: os preços. Assim, Carolina, na tentativa de fazer uma acusação social direta, acaba por recuar o poder crítico da palavra liricamente representável. De forma que ao dizer sobre os preços, que “entristece”, a autora somente aponta para uma, dentre as “múltiplas determinações” e conexões que formam o todo da sociedade. Em contrapartida, quando nos conta do céu, do sol, das nuvens e pássaros que deslizam por sobre elas, assim como o astro rei que deslizava pelo espaço, ela por detrás do imediato nos expõe, mesmo que de modo estilizado, o quanto já se perdera da humanidade existente no homem. Sendo assim, mais contundente aos problemas que abalam o existir e o agir no mundo.

Carolina Maria de Jesus continua fazendo menções ao céu, estrelas etc., quando nos relata o sonho que teve em 2 de Setembro de 1958:

“...Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um

espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.”(JESUS, p. 107)

Temos aqui um diferencial em relação aos outros momentos citados. Aqui a autora participa daquilo que outrora ela apenas contemplava. Aqui ela pode tocar as estrelas e passear pelo céu e terra, como um anjo. Ou seja, Carolina só pode unir o irreconciliável por meio de um ser outro, representado pelo anjo no qual ela se traveste. Pois em sua jornada diária na favela do Canindé, o céu é muito longínquo e as estrelas brilham mortas. Não obstante, só é possível esta transformação em anjo e esse espetáculo das estrelas na esfera do sonho. É somente quando Carolina dorme que isto tudo se configura de forma clara e o espetáculo pode acontecer.

Por fim, até quando não sonha como em “...Cheguei na favela e esquentei a comida. Estava indisposta. Almocei e deitei. Adormeci. Que sono gostoso! Sem sonho, sem pesadelos.” (JESUS, p. 105), nos é narrado o prazer de “adormecer”. Ainda que sem o toque ou o bailar envolvente das estrelas, adormecer a coloca em um plano diferenciado do real imediato. Então, um “sono gostoso! Sem sonho, sem pesadelos.”, se torna um caminhar sereno de quem sabe que o sonho acaba e o pesadelo é o próprio viver.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo, Ática, 1998.

ADORNO, Theodor W. *Palestra sobre lírica e sociedade*. IN: *Notas de Literatura I*. São Paulo, Ática, 2003

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo, Ática,

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In SCHWARZ, Roberto (org). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

de despejo,